

RESISTÊNCIA E HUMANIZAÇÃO NA POESIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RESISTANCE AND HUMANIZATION IN THE POETRY OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Jefferson Silva do Rego¹

Data de recebimento do texto: 04/05/2026

Data de aceite: 30/05/2026

Resumo: Na poesia de Conceição Evaristo, a identidade da mulher negra é um tema recorrente. Seu lirismo instaura uma retórica de resistências, atentando-se ao dismantling dos estereótipos em torno dessa mulher no imaginário brasileiro. Em alguma medida, tais resistências contribuem para a humanização dessa figura, visto que resistir pode se configurar como um ato humanizador. Desse modo, analisaremos 02 poemas de Evaristo, publicados originalmente em antologias dos Cadernos Negros, quais sejam: “Vozes-Mulheres” e “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. Especificamente, mostraremos como Evaristo reescreve a história afro-brasileira no que diz respeito ao percurso das mulheres negras, destacando que suas resistências contribuem para sua humanização. Como suporte teórico-metodológico, serão importantes as contribuições de Alfredo Bosi (2000), Zilá Bernd (1988) e Antonio Candido (1972, 2011).

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Resistência. Humanização. Racismo.

Abstract: In the poetry of Conceição Evaristo, the identity of the black woman is a recurring theme. His lyricism establishes a rhetoric of resistance, focusing on the dismantling of stereotypes around this woman in the Brazilian imaginary. To some extent, these resistances contribute to the humanization of this figure, since resistance can be configured as a humanizing act. Thus, we will analyze 02 poems of Evaristo, originally published in anthologies of the Black Notebooks, which are: "Voices-Women" and "The night does not fall asleep in the eyes of women". Specifically, we will show how Evaristo rewrites Afro-Brazilian history with regard to the course of black women, highlighting that their resistance contributes to their humanization. As a theoretical and methodological support, the contributions of Alfredo Bosi (2000), Zilá Bernd (1988) and Antonio Candido (1972, 2011) will be important.

Keywords: Conceição Evaristo. Resistance. Humanization. Racism.

¹ Doutor em literatura pelo Programa de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGL) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. orcid.org/0000-0002-9367-3292. E-mail: entrecas@gmail.com

Introdução

Na cena literária do Brasil contemporâneo, Conceição Evaristo é uma escritora que vem ganhando prestígio progressivamente. Nascida em 1946, em uma favela de Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo, filha de mãe lavadeira, precisou se mudar para a cidade do Rio de Janeiro, onde conseguiu ingressar no magistério público.

Ao lermos o livro de poemas de Evaristo (2017), intitulado *Poemas da recordação e outros movimentos*, percebemos a recorrência de alguns temas, como a diáspora africana no Brasil e os dilemas relacionados à construção identitária da mulher negra. A dizer, em seu exercício de expressão poética, o lirismo de Evaristo trabalha explicitamente no sentido de instaurar uma retórica de resistências, dando especial atenção ao desmantelamento dos estereótipos, no imaginário brasileiro, em torno do negro, da mulher e, mais especificamente, da mulher negra. Em suma, no panorama sócio-histórico do Brasil contemporâneo, a poesia negra de Evaristo é um testemunho das lutas e resistências das mulheres negras afrodescendentes.

Por falar em resistência, cumpre lembrar Alfredo Bosi (2000, p. 165), para quem a poesia há muito não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. Consoante Bosi (2000, p. 166), “a poesia moderna foi compelida à estranheza e ao silêncio. Pior, foi condenada a tirar só de si a substância vital. Ó indigência extrema, canto ao avesso, metalinguagem!”. Bosi (2000, p. 167) frisa ainda que toda grande poesia moderna, a partir do Pré-Romantismo, é uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes. Resistência esta que tem muitas faces; ora propõem a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário e da utopia):

Nostálgica, crítica ou tópica, a poesia moderna abriu caminho caminhando. O que ela não pôde fazer, o que não está ao alcance da pura ação simbólica, foi criar materialmente o novo mundo e as novas relações sociais, em que o poeta recobre a transparência da vida e o divino poder de nomear. Só a revolução. (Bosi, 2000, p. 167).

Segundo Anselmo P. Alós (2011), a estreia de Evaristo nas letras brasileiras foi relativamente tardia, remontando ao início dos anos 1990, quando começou a colaborar em periódicos literários. Um dos principais meios nos quais ela publica é a série *Cadernos*

Negros, fundada pelo grupo “Quilombhoje Literatura”, coletivo de escritores fundado em 1980 com o objetivo de aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. Os Cadernos Negros se tornaram o principal veículo de divulgação da produção literária referenciada na herança cultural de matriz africana. Os Cadernos Negros são, portanto, fruto da organização coletiva de escritores(as) e leitores(as) negros(as). Conforme Reis & Oliveira (2021), a série Cadernos Negros tornou-se um importante veículo de divulgação de produção e crítica literária afro-brasileira. A série já teve mais de 42 volumes lançados. Trata-se de uma publicação que objetiva divulgar a escrita negra, dando visibilidade a esses escritores e escritoras, fortalecendo-os/as no campo da produção literária e rompendo com um lugar que, por muito tempo, foi um campo exclusivo da supremacia branca e masculina.

Desse modo, abordaremos aqui 02 poemas de Evaristo, quais sejam: “Vozes-Mulheres” e “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, ambos publicados originalmente em antologias dos Cadernos Negros. Especificamente, mediante a análise de tais poemas, mostraremos como Evaristo reescreve a história afro-brasileira no que diz respeito aos percursos das mulheres negras, apontando suas resistências e seu consequente processo de humanização. Como suporte teórico-metodológico, serão importantes as contribuições de Alfredo Bosi (2000), Zilá Bernd (1988), Antonio Candido (1972, 2011) Grada Kilomba (2019) e Lélia Gonzalez (1984, 2020).

Qual é a cor das “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2006), Conceição Evaristo, em 1980, toma conhecimento das atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série Cadernos Negros. Esse é um momento de efervescência dos movimentos sociais pela igualdade racial, com mobilizações nas principais capitais brasileiras. Em 1990, o número 13 dos Cadernos Negros publica “Vozes-mulheres” de Evaristo, poema que até hoje figura como uma espécie de manifesto-síntese da poética dessa escritora:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(Evaristo, 2017, p. 24).

O título no plural desse poema, “Vozes-Mulheres”, remete-nos à ideia de representatividade das mulheres mediante o uso de sua voz; o que nos faz lembrar que o silenciamento e o apagamento dessas vozes sempre imperou ao longo da história brasileira. Assim, esse título evoca um elemento muito importante da poesia de Evaristo: a afirmação e a exaltação da voz das mulheres (geralmente, silenciada em nossa sociedade), sobretudo a voz das mulheres negras.

Nos 05 primeiros versos desse poema de Evaristo: “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio. / ecoou lamentos / de uma infância perdida.”, há uma alusão direta ao passado do eu-lírico, no qual sua bisavó ecoou lamentos de uma infância perdida nos porões de um navio. Aqui, podemos inferir que sua bisavó foi uma negra escravizada, que veio de África em um navio português. A dizer, nesse poema de Evaristo, o eu-lírico começa recordando a voz de sua bisavó que, por ter perdido a infância devido à escravização, ecoou lamentos nos porões de um navio negreiro. Logo, sua bisavó negra afrodescendente nasceu escrava e morreu escrava.

Na segunda estrofe do poema “Vozes-Mulheres”: “A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo”, vemos que a avó do eu-lírico (assim como sua bisavó) também foi uma mulher negra escravizada pelos brancos portugueses. Destacamos aqui a palavra obediência e a expressão “brancos-donos de tudo”, pois precisamos ter em mente que a aludida obediência, muito provavelmente, é resultante da violência imposta pelos portugueses; que são justamente os “brancos-donos de tudo”, aludindo ironicamente à ideologia nefasta que sustentou o processo colonizador no Brasil. Assim, sua avó negra afrodescendente nasceu escrava e morreu escrava.

Na terceira estrofe desse poema de Evaristo, o eu lírico aborda a voz de sua mãe, voz esta que já não é tão obediente quanto a voz da avó, pois: “ecoou baixinho revolta”. No entanto, vemos que a voz dessa mãe já não está mais na senzala e sim: “no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupas sujas dos brancos”; mostrando que a exploração dessas mulheres vai se reconfigurando no decorrer do tempo, de acordo com as mudanças da vida social. Os dois últimos versos confirmam o destino para onde se locomoveram os(as) negros(as) escravizados(as) após a abolição formal da escravatura: “pelo caminho empoeirado / rumo à favela”. Enfim, sua mãe negra afrodescendente não foi escrava, mas viveu sendo explorada pelo universo da branquitude patriarcal.

Até aqui, vemos claramente que o poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, aborda diretamente a escravização dos povos africanos trazidos nos navios negreiros pelos portugueses. Ora, o tema da memória presente na escrita de mulheres negras afrodescendentes é uma forma de propor uma revisão da história e contribuir para a afirmação da identidade afro-brasileira, já que, conforme afirma Sílvia Almeida (2018), a abolição formal da escravatura não significou, de fato, liberdade plena e igualdade para negros e negras ex-escravizados/as; haja vista que

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. (Almeida, 2018, p. 43).

Em seguida, na quarta estrofe do poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, temos a voz do eu lírico que ainda: “ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome”. Aqui, entendemos que o eu lírico, nitidamente, ainda enfrenta as consequências tenebrosas do racismo resultante da escravização. É por conta desse árduo enfrentamento (e suas

consequências dolorosas) que seus versos, prenhes de perplexidade, chegam a rimar sangue com fome. Então, a voz do eu lírico é uma voz negra afrodescendente que, mesmo não sendo mais escravizada formalmente, vive sob a exploração de um mundo racista e patriarcal.

Por fim, nas últimas duas estrofes desse poema de Evaristo, temos a voz da filha do eu-lírico, voz esta que recolhe todas as vozes anteriores mais todas as vozes que sofrem e sofreram em meio a uma sociedade injusta (porque racista e patriarcal); a dizer, a voz de sua filha recolhe todas “as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas”. Assim, embora o poema não aponte explicitamente para a opressão decorrente do machismo e do capitalismo, sabemos que, em nossa história social, os fenômenos opressores (racismo, exploração econômica e machismo) estão conectados e se retroalimentam. Aliás, cabe aqui mencionar Angela Davis (2016), uma das mulheres mais proeminentes quanto aos estudos interseccionais e movimentos sociais que buscam combater as estruturas gerativas das assimetrias de gênero, raça e classe, em todas as suas formas.

Para Davis (2016), ao abordar o racismo (suas causas e consequências), faz-se preciso considerar o machismo e a exploração econômica característica do capitalismo como fenômenos correlacionados; ou seja, como os três fenômenos estão conectados, uma abordagem mais qualificada deve levar em conta a interseccionalidade que os envolve. Nesse sentido, o livro de Davis (2016), chamado *Mulheres, raça e classe*, reúne ensaios que tentam fundamentar as origens das lutas feministas e antirracistas em bases materialistas e dialéticas, colocando em evidência os modos pelos quais as opressões entrelaçadas de gênero, raça, e classe incidem sobre a subjetividade e o corpo das mulheres negras.

Quanto à discussão sobre as relações étnico-raciais contemporâneas, cumpre lembrarmos de Grada Kilomba (2019), para quem a literatura negra funciona como um processo de cura da ferida colonial, o que desencadeia a valorização da comunidade negra. Em outras palavras, o passado colonial dialoga com o presente devido ao caráter evolutivo de opressão e persistência do racismo, haja vista que suas facetas traumáticas se reatualizam, transformam-se e perpetuam-se no seio da contemporaneidade. Kilomba (2019, p. 156) frisa que o trauma do racismo nunca deixa de ser colonial; de modo que, em certas interações verbais, quando a palavra “negro(a)” é proferida, a pessoa que o faz não se refere somente à cor de pele negra, mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade, animalidade, ignorância, preguiça, sujeira, caos etc. Essa cadeia de equivalências define o racismo. Então, nós nos tornamos a corporificação de cada um desses termos, não porque

eles são reais e estão inscritos fisicamente na superfície de nossas peles, mas porque o racismo existe; e ele é discursivo e não biológico.

Consoante Kilomba (2019, p. 157), esse fenômeno é experimentado como um choque, privando alguém de sua própria ligação com a sociedade. Esse choque violento é o primeiro elemento do trauma. Ao ouvir a palavra “negro(a)”, a conexão dessa pessoa com a sociedade é abruptamente interrompida; pois ela está sendo lembrada de que, inconscientemente, essa sociedade é pensada como branca. Nesse sentido, quando uma pessoa é chamada de negra, ela está sendo colocada em uma cena colonial, pois o termo reafirma uma relação entre brancos/as e negros/as que está enraizada em uma dicotomia entre senhor e escravizado. Nesse sentido, “toda a performance do racismo cotidiano pode ser vista como uma reatualização da história” (Kilomba, 2019, p. 158):

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse imediatismo, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado (Kilomba, 2019, p. 158).

Retornando ao poema de Evaristo em estudo, vemos que a última voz (a voz da filha do eu-lírico) recolhe em si “a fala e o ato”, demonstrando mais protagonismo nas lutas contra as opressões supracitadas. Recolhe assim “O ontem – o hoje – o agora”, apontando para a construção e o acúmulo de um conhecimento histórico sobre aquelas lutas. Desse modo, não obstante a permanência e quiçá o fortalecimento de muitas opressões, o eu lírico mostra que a voz de sua filha está mais preparada para o necessário combate, vociferando que “Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / O eco da vida-liberdade”. Tal postura revela que há muita esperança na perspectiva do eu lírico de que sua filha terá uma vida melhor, porque mais livre.

Em suma, no poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, o eu lírico tematiza as opressões decorrentes do racismo, da escravização, da diáspora africana e demais violências sofridas pelas mulheres negras de sua família. São versos que ressaltam o papel dinâmico das mulheres negras, que emergem detentoras das memórias coletivas de seu povo. São versos que tematizam as opressões sofridas por todas as mulheres negras do Brasil. Entendemos também que essas opressões continuam existindo, pois possuem a capacidade de se

reconfigurar, de geração a geração, no sentido de se adaptarem às novas configurações sócio-históricas. Portanto, conforme Duarte (2006), o poema “Vozes-Mulheres” pode ser visto como uma espécie de manifesto-síntese da poética de Conceição Evaristo, haja vista que:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão. (Duarte, 2006, p. 25).

Entendemos que a poesia de Evaristo é negra afrodescendente, pois, lembrando as contribuições de Zilá Bernd (1992), sua poesia é caracterizada pela necessidade de o eu-lírico ser o enunciador de seu próprio texto, transformando símbolos de repressão em formas de resistência da comunidade negra. Em geral, são construídas “imagens ora de uma África-mãe, espaço mítico onde se encontram as raízes, ora de uma África violada pelo branco” (Bernd, 1992, p. 271).

Diante desse quadro, Conceição Evaristo apresenta uma contrafala ao discurso do poder, fundamentando seu projeto literário – a escrevivência – em uma base na qual se cruzam e dialogam uma perspectiva feminina e uma afrodescendente. Logo, a poesia lírica de Evaristo contraria a ideia da afasia relacionada à mulher negra; argumento associado ao pensamento da feminista afro-americana Bell Hooks (1995) que aborda a insistência cultural em promulgar a imagem da mulher negra relacionada à ama de leite em função da estereotipação, ou seja, com aptidão ao trabalho doméstico e inapta ao trabalho intelectual: “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros” (Hooks, 1995, p.468). Então, a mulher negra é comumente compreendida como sujeito de capacidade inata para cuidar e servir, estando dissociada da ideia de sujeito com consciência autorrepresentativa.

Ora, a mulher negra afrodescendente representada no poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, é uma mulher que luta contra os preconceitos típicos da vida social brasileira; é uma mulher que resiste aos ditames do racismo, do machismo e da exploração econômica. Logo, essa mulher aparece mais liberta dos estereótipos que predominam nessa mesma sociedade. Em suma, devido à sua postura aguerrida de resistência, essa mulher aparece mais humanizada.

Sobre o conceito de humanização, concordamos com Antonio Candido (1972, 2011), para quem a humanização consiste na ação ou no efeito de tornar-se mais sociável, gentil ou amável. Nesse sentido, considerando a etimologia da palavra, trata-se sempre de ação ou efeito vinculados com o sentido de socialização. Desse modo, são evidentes a plasticidade e a polissemia de tal conceito. Suas possibilidades interpretativas variam desde o senso comum “ser bom com o outro que sofre”, até às leituras essencialistas relacionadas à busca de fundamentos da natureza humana:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p.180).

Tendo em vista esse cenário, parte significativa da poesia de Conceição Evaristo parte e situa-se em experiência(s) proveniente(s) das circunstâncias das mulheres negras na sociedade brasileira. Logo, sua poesia (que também é fruto de sua escrevivência) parte de uma autoria negra, feminina e pobre. Desse modo, no âmbito teórico-crítico e metodológico, faz-se preciso uma incursão por sua lírica mediada por conceitos como gênero, raça, classe, interseccionalidade e lugar de fala, uma vez que eles nos ajudam a refletir criticamente sobre a potência de seus poemas ao representar a população negra em geral e as mulheres negras em particular.

Por que “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, de Conceição Evaristo?

Já em outro poema de Evaristo, chamado “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, publicado originalmente nos Cadernos Negros 19 em 1996, há um processo contínuo de reconstrução identitária no qual a voz poética exalta a força e a resistência das mulheres negras afrodescendentes:

A noite não adormece nos olhos das mulheres
Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,

em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas-luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada hora que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência
(Evaristo, 1996, p. 26).

Primeiramente, cumpre lembrar que a dedicatória desse poema de Evaristo homenageia Beatriz Nascimento ((Aracaju, 1942 – Rio de Janeiro, 1995), que foi uma intelectual e ativista pelos direitos humanos de afrodescendentes brasileiros; tornando-se uma referência nacional nos estudos sobre relações étnico-raciais. Tal dedicatória revela uns dos aspectos recorrentes da poesia de Evaristo, qual seja, uma postura eticamente comprometida com as lutas e as resistências dos(as) negros(as) afrodescendentes do Brasil.

Desse modo, todo o poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres” consiste em uma exaltação à força e à resistência das mulheres negras brasileiras. Inicialmente, destacamos a repetição significativa dos versos: “A noite não adormece / nos olhos das mulheres”, que pode significar, no mínimo, dois fatos importantes: 1) na sociedade brasileira, não há descanso para as lutas das mulheres negras; e 2) como estão sempre em luta, essas mulheres são verdadeiras guerreiras; logo, merecem todo nosso respeito e muita exaltação.

Na primeira estrofe desse poema de Evaristo, o eu-lírico revela que a lua fêmea, sua semelhante, vigia atentamente a nossa memória, indicando a importância do histórico de lutas das negras afrodescendentes no Brasil; histórico este que raramente é levado em conta

por uma parcela significativa de nossa sociedade (governantes, artistas, mídia em geral etc.) Na segunda estrofe, ratifica-se a exaustão causada por essa vigília, pois “há mais olhos que sono” / onde lágrimas suspensas / virgulam o lapso / de nossas molhadas lembranças”. Aqui, essa condição indica que as memórias desse histórico de lutas, embora não devam ser apagadas (porque necessárias para orientar nosso agir no presente e futuro), podem causar algum sofrimento, podendo resultar em lágrimas. Afinal, a comoção é da natureza humana. Aliás, somente os seres humanos são capazes de se emocionar. Ter que lutar, ter que resistir e se emocionar com a superação dessas imposições são fatores que contribuem para esse processo de humanização dos seres humanos.

Na terceira estrofe do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, aponta-se para um alívio em meio às lutas dessas mulheres negras afrodescendentes, causado pela possibilidade de elas se tornarem mães: “vaginas abertas / retêm e expulsam a vida”. Em outros termos, a maternidade, a capacidade de gerar novas vidas, contribui para a humanização dessas mulheres. Melhor dizendo, a maternidade torna-se alívio, pois é renascimento que culmina na sacralização do corpo e do ser dessas mulheres. Poder gerar vida se torna um ato de resistência a um mundo injusto e cruel, porque patriarcal e racista. Ora, este alívio é fortalecido pela aproximação com figuras da cultura africana (Ainás, Nzingas, Ngambeles), visto que estas afastam dos sofrimentos decorrentes daquelas lutas: “nossos cálices de lágrimas”.

Na quarta e última estrofe do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, de Evaristo, sintetizam-se a luta e a força das mulheres negras afrodescendentes do Brasil, lembrando que seu sangue (líquido lembradiço) é permeado de garra e bravura nas lutas atinentes ao universo feminino (com vitórias e derrotas); haja vista que: “em cada hora que jorra / um fio invisível e tônico / pacientemente cose a rede / de nossa milenar resistência”.

Por conseguinte, vemos que todo esse poema de Evaristo, sobretudo o último verso, frisa e enaltece a milenar resistência das mulheres negras afrodescendentes na sociedade brasileira. Frisamos que essa resistência é fator determinante para o processo de humanização dessas mulheres. Nos poemas de Evaristo aqui analisados, resistir se configura como uma característica muito evidente das mulheres negras afrodescendentes. E tal resistência ratifica a humanidade dessas mulheres.

Considerações finais

A trajetória da poesia de Conceição Evaristo nos permite uma aventura por um universo lírico marcado pela resistência feminina em relação à submissão, seja esta relacionada às dinâmicas do poder na seara do gênero, seja relacionada ao pertencimento étnico-racial. Desse modo, tendo em vista que a escrivência de Evaristo parte de uma autoria negra e feminina, vislumbramos a possibilidade de uma incursão pelo feminismo negro e por conceitos como gênero, raça, classe e lugar de fala, uma vez que eles ajudam a refletir criticamente sobre seus poemas e sua potência ao representar a população negra em geral e as mulheres negras em particular.

Percebemos que, para mulheres como Conceição Evaristo, escrever é “ultrapassar” uma percepção única da vida; é construir outros mundos possíveis, por vezes, necessariamente utópicos. Por conseguinte, nos poemas aqui abordados, as vozes das mulheres são negras e, agora, em consequência de muita luta e resistência, correm o risco de serem ouvidas. Em suma, são vozes que se referem tanto às mulheres negras do Brasil contemporâneo quanto às vozes ancestrais silenciadas por séculos de exclusão.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio de. **O que é o racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2011. v.19, n. 1, p. 283-300. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mdjMxdxWk9hBznPWYJGVHcJ/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- ARRUDA, Aline Alves. **Corpo e erotismo nos contos de Olhos D'Água**. In: DUARTE, Constância Lima, 2018.
- CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). **Escrivências**: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Ideia, 2018, p. 239-246.
- BERND, Zilá. Literatura Negra. In: JOBIM, José Luís (org.) (1992). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267–275.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: BOSI, Alfredo (2000). **O ser e o tempo da poesia**. 8 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 163-227.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, vol. XXIV, nº 9. São Paulo, 1972, pp. 803-09.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, 2009, v. 17-A, dez. p. 6-18.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, 2006, 14(1). p. 305-323. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g7gPJT4f9yzqMyFyLxR6HBb/> Acesso em: 12 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10316>

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, 1995, v. 3, n. 2, p. 464-478.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

REIS, Mírian Sumica Carneiro & OLIVEIRA, Adriele de Jesus. Palavras de mulheres negras: uma proposta de leitura de Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo. **Revista Investigações**, 2021, v. 34, n. 1, p. 1 - 12. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index>

SOUZA, Heleine Fernandes de. **A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo**, Livia Natália e Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Malê, 2020.